

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**EU E O OUTRO NA CIDADE: RELAÇÕES DE AUTORIA E AUDIÊNCIA NA
PICHANÇA**

RODRIGO DE OLIVEIRA MACHADO

Prof. Adolfo Pizzinato
Orientador

Porto Alegre

01/2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**EU E O OUTRO NA CIDADE: RELAÇÕES DE AUTORIA E AUDIÊNCIA NA
PICHAÇÃO**

RODRIGO DE OLIVEIRA MACHADO

ORIENTADOR: PROF. DR. ADOLFO PIZZINATO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia. Área de concentração em Psicologia Social.

Porto Alegre

01/2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

EU E O OUTRO NA CIDADE: RELAÇÕES DE AUTORIA E AUDIÊNCIA NA
PICHAÇÃO

RODRIGO DE OLIVEIRA MACHADO

COMISSAO EXAMINADORA:

Prof. Dr. Adolfo Pizzinato (PUCRS)-Orientador

Profa. Katia Maheirie (UFSC)

Prof. Danichi Hausen Mizoguchi (UFF)

Porto Alegre

01/2014

DEDICATÓRIA

Ao meu pai, pelos ensinamentos que me deu e pelas lutas que travou para que realizasse os meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos poderiam se dirigir a uma grande quantidade de pessoas, as quais através de pequenos gestos ajudaram no processo de construção de quem sou e do trabalho que consegui realizar. As primeiras pessoas que me recordo neste momento é a minha família: Abrilino, Jodite, Dago e Gabi. Vocês são os principais responsáveis por aquilo que me tornei e por aquilo que ainda pretendo evoluir.

Agradeço a minha namorada, Juci, pela enorme paciência que teve e pelo apoio nos momentos de dificuldade. Espero que possamos compartilhar muitas ocasiões de vitória como esta.

Obrigado em especial ao professor Adolfo Pizzinato pela sabedoria e cuidado como que desenvolve o seu trabalho. As palavras mestre e professor equivalem, no seu caso, para muito além dos títulos que conquistou, está na sua forma de ser. Aos colegas do INCP fica o meu agradecimento pela parceria com a qual construímos o nosso cotidiano. Em especial aqueles que a tempos partilham os sonhos e conquistas comigo: João Pedro, Júlia, Luciana, Yasmine, Cristiano, Esequiel, João Gabriel, Pedro e Cristiane. Agradeço também aos professores que se dispuseram a compartilhar o seu conhecimento e afeto: Helena, Mariana, Kátia.

Agradeço também ao CNPQ pela bolsa concedida para a realização desse estudo.

RESUMO

O presente estudo, apresentado como requisito para obter o grau de mestre em Psicologia, parte de uma base de compreensão dos fenômenos através da matriz sócio-histórica. Através desse referencial teórico, e dos aportes dialógicos oferecidos pela lingüística, se entende a pichação como ato comunicacional em que a relação de autoria e audiência é concernente. Desta forma, o objetivo que guia esse estudo é compreender as relações de autoria e audiência presentes no diálogo urbano entre a díade pichadores-transeuntes. A abordagem desta temática sucedeu-se de duas maneiras complementares, as quais constituem o corpo dessa dissertação em dois artigos. A perspectiva etnográfica acompanhou e gerou dados relativos ao fenômeno da pichação durante o período de cinco anos (2009-2013), sendo composta por diários de campo, registro fotográfico, entrevistas com pichadores, transeuntes e donos de estabelecimentos comerciais de regiões em que o picho se alastrou nos últimos anos. O material coletado demonstrou as relações de sociabilidade entre os pichadores e o processo de invisibilidade e visibilidade que permeia as suas vivências na cidade. A busca por reconhecimento no endogrupo e exogrupo também foram marcadores importantes nos discursos dos praticantes, além da individualização desse ato e a sua possível relação com tal reconhecimento. A relação com os integrantes de outras práticas, como o *graffiti*, mostrou-se instável devido ao afastamento de alguns grafiteiros daquilo que seria os primórdios da intervenção de rua, ou seja, a transgressão. A abordagem do tema através da perspectiva do *self*-dialógico, com o foco nas entrevistas realizadas com os pichadores e transeuntes, auxiliou na compreensão das posições do *eu* que ambos os grupos situavam-se quando questionados sobre a relação de autoria e audiência pertinente a pichação. Os resultados demonstraram a dificuldades dos dois grupos de se relacionarem com a alteridade, apresentando discursos monológicos, fortemente impregnados por posições reiteradamente veiculadas na mídia (transeuntes) e dicotômicas (pichadores). A dificuldade de se posicionar em termos de alteridade subsidia as relações de distanciamento entre os pichadores e transeuntes, conferindo aspectos negativos às vivências da cidade para ambos os grupos.

Palavras-Chaves: pichação; dialogismo; *self*-dialógico; psicologia social.

Área conforme classificação do CNPQ: 7.07.00.00-1- Psicologia

Sub-área conforme classificação do CNPQ: 7.07.05.00-3–Psicologia Social

ABSTRACT

The presented study, requirement for the degree of Master in Psychology, is part of a basic understanding of social phenomenon through the historic matrix. Through this theoretical framework and dialogical contributions offered by linguistics, is meant the graffiti as communicative act in which the relationship of authorship and audience is concerning. Thus, the objective that guides this study is to understand the relations of authorship and audience present in the urban dialogue between the dyad taggers-bystanders. The subject's approach succeeded in two complementary ways which constitute the body of this dissertation in two articles. The ethnographic approach went along and generated data concerning on the graffiti phenomenon during the five-year period (2009-2013) consisting of field diaries, photographic records, interviews with taggers, pedestrians and owners of commercial establishments in areas where the graffiti had spread in recent years. The collected material showed the personal relations between the taggers and the invisibility and visibility process that permeates their experiences in the city. The pursuit for ingroup and outgroup recognition were also important markers in the practitioners discourse, beyond the individualization of this act and its possible relation to such recognition. The relationship with the members of other practices such as graffiti proved to be unstable due to deviation of some graffiti artists what would be the beginning of the intervention of the street, ie, the transgression. When approaching from the perspective of self-dialogical, with the focus on interviews with taggers and passersby helped in understanding the positions of 'I' in both groups, when questioned about the relevant relation between authorship and audience to graffiti. The results manifest the difficulties of the two groups relate to otherness, presenting monologic discourse, strongly impregnated by consistently voiced positions in the media (passersby) and dicotomic (taggers). The difficulty of positioning in terms of otherness subsidizes the relations of distance between taggers and bystanders, giving negative aspects of the city experiences for both groups.

Keywords: tagging; dialogism; dialogical self; social psychology.

Área conforme classificação do CNPQ: 7.07.00.00-1- Psychology

Sub-área conforme classificação do CNPQ: 7.07.05.00-3–Social Psychology

SUMÁRIO

| | |
|-------------------------------------|-----------|
| DEDICATÓRIA..... | 4 |
| AGRADECIMENTOS..... | 5 |
| RESUMO..... | 6 |
| ABSTRACT..... | 7 |
| SUMÁRIO..... | 8 |
| RELAÇÃO DE TABELAS..... | 9 |
| RELAÇÃO DE FIGURAS..... | 10 |
| 1. APRESENTAÇÃO..... | 11 |
| 2. ARTIGO I..... | 27 |
| 3. ARTIGO II..... | 46 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 71 |
| 5. ANEXOS..... | 74 |

RELAÇÃO DE TABELAS

| | |
|-----------------------|-----------|
| Tabela 1. | 14 |
|-----------------------|-----------|

RELAÇÃO DE FIGURAS

| | |
|-----------------------|-----------|
| Figura 1 | 31 |
| Figura 2 | 39 |

1. APRESENTAÇÃO

A pesquisa em ciências humanas é sempre uma construção alicerçada em ideologias, sejam elas de ordem explícita e premeditada ou não. A escolha pela pixação¹ como tema de dissertação não se desprende desta premissa básica, ao contrário, espero que ao longo das próximas páginas torne-se claro quais as implicações ideológicas que guiam a escolha do tema e do referencial teórico usado para compreendê-lo.

A temática dessa dissertação despontou como interesse pessoal ainda no período do curso de graduação, mais especificamente ele surgiu no trajeto até a universidade. Enquanto transitava pela cidade em direção a PUCRS me deparava com as mudanças que transformavam a Avenida Bento Gonçalves (e não me refiro aqui somente àquelas oriundas da construção de novos empreendimentos imobiliários), as pixações que avançavam na superfície dos prédios e que, de alguma forma, me afetavam e talvez os demais que por elas passavam.

Essa relação com a cidade, e os sentidos que o contato com ela desperta, assume papel primordial na pesquisa aqui apresentada. A vontade de compreender os significados presentes na pixação formularam as primeiras perguntas, e estas indagações, quando consultadas junto aos pares em sala de aula ou professores, recebia respostas de ordem jurídico-punitiva, a qual também era fortemente veiculada na mídia. Tendo percebido o quão raso era esse argumento, busquei aprofundar o conhecimento sobre a temática através de um trabalho de pesquisa de campo realizado em uma disciplina da graduação. Neste, obtive dados que desvelaram um pouco mais sobre o reflexo da pixação no cotidiano da cidade e o processo de comunicação entre pixadores e a comunidade em geral.

Posteriormente, quando ingressei no Grupo de Pesquisa “Identidades, Narrativas e Comunidades de Prática”, sob a coordenação do professor Adolfo Pizzinato, colaborei na concepção e desenvolvimento de uma

¹ A opção de utilizar a palavra pixação com x, ao invés de ch como é o utilizado na língua formal, se deve ao fato dessa ser a maneira que os pixadores utilizam para designar o ato que realizam.

pesquisa acerca das Narrativas Visuais² na cidade de Porto Alegre. Este tema subsidiou a construção de três projetos que mapearam diferentes formas de apropriação do espaço urbano em Porto Alegre e os processos comunicacionais presentes em cada uma destas intervenções. Assim, foram coletados dados dentro de uma intervenção artística chancelada pelo Estado e assimilada pela mídia como forma de ingresso da cidade no circuito internacional de arte, (o caso da Cow Parade). No segundo projeto o foco esteve junto aos movimentos de grafite, que por alguns são legitimados como arte enquanto para outros têm o seu significado maior nos atos de transgressão e rompimento com a “arte” institucionalizada, ao menos ao modelo tradicionalmente concebido desta. No último projeto que compôs esse mapeamento das narrativas na cidade, encontra-se a pixação, sendo esta escolhida pelo caráter de transgressão que detém, a grande proliferação no território e pelas poucas pesquisas em Psicologia que versam sobre essa forma de apropriação. A dissertação que apresento está associada a essa terceira parte do projeto de Narrativas Visuais, construído pelo grupo, e que tive o privilégio de participar de maneira efetiva ao longo de todo o seu desenvolvimento.

1.1 A transgressão

Materialmente a pixação se caracteriza pela monocromaticidade de seus escritos, geralmente feita com o *spray* de cor preta. À parte do *spray*, e preferência pela cor preta de tinta, as possibilidades de grafia e estilos de pixação são muitos. As principais categorias se centram em pixações que desenvolvem temáticas políticas, “chamados de ordem”, que apresentam uma tipografia acessível para a leitura da maioria das pessoas e também aquelas que são denominadas como *tag*, tipo que prepondera nas cidades brasileiras. A proliferação do *tag* como inscrição urbana é registrada inicialmente nos EUA, na cidade de Nova York. Neste mesmo país as pixações estiveram vinculadas à disputa de

² O projeto intitulado “Análise dialógica de narrativas visuais no espaço urbano de Porto Alegre”, com o protocolo de pesquisa registro CEP 11/05376, foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS.

territórios pelas gangues *Bloods* e *Blues*, embora tenha sido adotada por diversos grupos-pessoas distantes de tais gangues (Sthal, 2009). Em terras brasileiras ela apresenta-se primeiramente como fenômeno social na cidade de São Paulo, onde a apropriação de espaços públicos e privados torna-se mais expoente a partir dos anos 80. O estilo de pixação realizado em São Paulo se denominou *tag* reto, no qual o estilo da letra apresenta contornos próprios, compostas comumente por formatos retos, pontiguados que se associam e preenchem na totalidade espacial a retilínea existência dos prédios da urbe (Lassala, 2010). Por vezes, esses formatos de letra teriam nas capas de discos de *Heavy Metal*, como por exemplo, os do *Iron Maiden*, a sua fonte inspiradora (Lassala, 2010). Após o *tag* reto se espalhar por São Paulo ele foi difundido nas demais capitais do país, como foi o caso de Porto Alegre.

Para além de destacar a inserção do *tag* reto como forma predominante de pixo em Porto Alegre na atualidade é indispensável que se faça nomear o lendário “Toniolo”. Este personagem do imaginário portoalegrense se deve as pixações de um ex- funcionário da Polícia Civil, que a partir de 1964, início da ditadura, começou a pixar o seu nome em diversos espaços da cidade com o intuito de denunciar as mazelas da corporação. A repercussão dos seus atos foram se avolumando até que em 1982 se renunciou a sua candidatura como deputado federal. Além dessa trajetória, em que o grande número de pixos denominados “Toniolo”, foi o episódio do “pixo com hora marcada”, que transferiu este pixador para o status de mito dentro do movimento da pixação em Porto Alegre e de grande parcela dos demais moradores da cidade (Toniolo, 2005).

Embora os dados sobre a pixação dificilmente sejam quantificáveis, percebe-se o domínio dela nas principais vias de trânsito da cidade. A altura dos prédios ou dificuldade de acesso a espaços para pixar em viadutos não desestimula aqueles que realizam essas ações, ao contrário, são nestes “pontos cegos” da cidade que as inscrições terminam por ser realizadas e desde lá dão novo sentido aos locais. Embora os dados se expressem mais fidedignamente pelo visual da cidade, e o acompanhamento destes, cabe aqui salientar alguns indicadores

coletados pela Secretaria de Segurança Pública de Porto Alegre. Esses dados se encontram sob os auspícios de tal secretaria devido à pixação se caracterizar como crime ambiental, sendo definido desta forma através do art.65 da Lei n. 9.605 (Brasil, 1998). Devido a expansão do pixo o município de Porto Alegre/RS, visando combater essa modalidade de “crime ambiental”, criou o disque pixação (153) em 2006.

Tabela 1. Número total de denúncias recebidas pelo Disque Pichação em Porto Alegre

| ANO | N.º DENÚNCIAS | % |
|-------|---------------|-------|
| 2006 | 200 | 16,33 |
| 2007 | 446 | 36,43 |
| 2008 | 370 | 30,22 |
| 2009 | 131 | 10,70 |
| 2010 | 77 | 6,32 |
| TOTAL | 1224 | 100 |

Fonte: Guarda Municipal de Porto Alegre

Constata-se que é uma situação vivida pela população, que denuncia a pixação aos serviços de segurança para que alguma ação punitiva seja tomada frente a essa prática, caracterizando-se por uma interpretação negativa de tais atos. Nos dados obtidos junto à Guarda Municipal de Porto Alegre (coordenadora do Disque Pichação), pode-se observar que a maioria das queixas é proveniente de locais de propriedade privada (852 de 1224 em torno de 69,6%) e aqueles que são autuados pela polícia são em sua maioria adolescentes (158 de 242 em torno de 65,2%). Observa-se que com o passar dos anos as denúncias foram diminuindo, como ilustra Tabela 1, o que não necessariamente representa a diminuição das práticas, mas pode representar uma saturação dos locais onde a pixação já faz-se presente, e/ou que a população com o tempo passa a não denunciar pois a relação com tal narrativa urbana, e com a expectativa de ação do Estado, passa a ser outra. Igualmente, pode-se observar que as detenções de praticantes flagrados diminuem. Além

disso, o maior número de ocorrências em espaços privados pode ser caracterizado pelo maior número de denúncias feitas, ainda que os locais de domínio público não necessariamente sofram menos pixações.

Considerando-se o investimento das forças do Estado no combate a pixação, o unísono da mídia em torno dela, e todas as demais forças contrárias que assim se posicionam, se nota a contínua proliferação dessa forma de apropriação do espaço urbano, cabe se perguntar: Como a Academia representa esse movimento de membros de sua sociedade? A resposta para essa questão poderia ser bastante restrita, tendo em vista os poucos estudos que se dedicam a este tema. Na maioria dos trabalhos, principalmente na antropologia urbana, ocorre uma descrição dos processos de pixação e da população que o realiza. Alguns estudos navegam entre a composição do cenário da pixação e do *graffiti*, por vezes entendendo as duas formas de apropriação do espaço urbano como sendo apenas uma. Especificamente na área da Psicologia se encontram poucos estudos relacionados à pixação. Destes, alguns procuram identificar uma população específica que a realizaria, enquanto outros se dedicam a compreender o processo com base nos escritos urbanos, porém sem maiores contatos com os produtores das inscrições (Andreoli & Maraschin, 2005). Talvez o ponto transversal à maioria dos estudos está na compreensão da pixação como um ato de transgressão à regra (Andreoli & Maraschin, 2005; Martins & Yabushita, 2006; Spinelli, 2007; Mondardo & Goettert, 2008; Pereira, 2010; Caldeira, 2012).

Os estudos de Becker da década de 1960 servem para demonstrar a aproximação da transgressão como categoria conceitual. Neste período o referido autor buscava compreender os “desvios sociais” e apresentou o conceito de *outsiders*. Segundo Becker (2008), os *outsiders* seriam aqueles que desviavam das regras sociais estipuladas em determinada cultura. Tais regras podem estar implícitas em forma de leis adotadas pela organização judicial de cada país ou configurarem as regras do “cotidiano”, que seriam aquelas que não se encontram registradas em nenhum papel, mas permeiam e conduzem as posturas do dia-a-dia (Becker, 2008). A pixação, que pode ser compreendida, entre outras formas, como um ato de descumprimento das regras, encontra-se

vinculada a essa subárea do conhecimento. Entre as características que configuram os “desviantes” como uma categoria homogênea está a composição de rótulos e punições que os assemelham, sejam estas do ponto de vista judicial ou cultural. Também se verifica que os membros de determinados seguimentos de desvio a regra podem considerar que a repercussão dos seus atos, isto é, o julgamento pelo qual ele passa, é realizado por juízes que não adotam as mesmas premissas comuns ao grupo, sendo assim, estes, os juízes, seriam os verdadeiros *outsiders*. A principal contribuição desses estudos sobre o “desvio social” foi a supressão do termo crime para o de desvio, isto evidentemente representa muito mais do que uma troca de palavras, mas supõe uma mudança conceitual, devido a retirada do foco do indivíduo e a ênfase na relação social entre o que desvia e os que realizam os empreendimentos morais que o posicionam como desviante (Becker, 2008).

Em outra perspectiva, também de raiz norte-americana, porém com outra carga valorativa, está o conceito de *underclass* urbana (Wacquant, 2001). Este conceito, que figura no imaginário social e científico norte-americano a partir da década de 1990, serviu para abarcar uma série de segmentos populacionais que não compartilhavam das regras sociais vigentes naquele período histórico e, que de certa forma, tomavam atitudes de enfrentamento ao *status quo* daquele momento. Entre os valores que estes personagens do imaginário estadunidense desvalorizavam estava o trabalho formal, o dinheiro, a educação, a família e inclusive a vida. O enfrentamento a estes valores básicos do modelo capitalista gerou a formulação de um conceito alicerçado em critérios morais e, por conseqüência, à transposição de um fenômeno social para um gueto simbólico e físico de uma parcela da população americana. Posteriormente os trabalhos que aderiram a este conceito foram rebatidos por outros teóricos, sendo revistos à luz de teorias menos estigmatizantes e sem tantas contradições internas (Wacquant, 2001). Este fenômeno ocorrido, sobretudo nos grandes centros urbanos dos EUA e celebrado pelas instituições filantrópicas que necessitavam de argumentos para continuar com as suas ações de “combate a pobreza”, marcadas também pela discriminação, serve como exemplo do quanto

uma postura teórica, repleta de critérios morais e aliadas somente à visão do *status quo*, gera espaços de gueto e produções científicas alienadas à realidade social daquela população (Wacquant, 2001).

A escolha desses dois casos de aproximação teórica a temáticas que versam sobre o rompimento com a norma, guardadas as diferenças específicas de cada, são úteis para identificar as repercussões tanto no campo teórico como no cenário político que se constrói a partir destas. O primeiro caso optou por revelar o significado do desvio das normas, características e maneiras que as constituem, além de ter propiciado o diálogo pelas diferentes posições (*"inside"-outsider*). Em contrapartida, o segundo caso expressa uma posição por parte dos pesquisadores onde somente os discursos que corroboram com o *status quo* são relatados, ou seja, o significado que gera cada ato é negligenciado e somente as características que dão contorno ao grupo, no sentido de identificá-los e assim os separar dos demais, é validado pelos cientistas sociais. As palavras de Becker (2008), ao resgatar quais caminhos seguir para construir conhecimento acerca de temáticas, que por vezes podem ser facilmente enevoadas por valores morais, revelam a sabedoria que somente o "entrar em contato" permite.

"Cumpra vê-lo como um tipo de comportamento que alguns reprovam e outros valorizam, estudando os processos pelos quais cada uma das perspectivas é construída e conservada. Talvez a melhor garantia contra qualquer dos dois extremos seja o contato estreito com as pessoas que estudamos" (Becker, 2008, p.178).

Desta forma ao refletir sobre a pixação, e os caminhos pelos quais ela pode ser compreendida, adoto as palavras de Becker como guia para a composição do objetivo desta pesquisa, a qual se dispõe a compreender o diálogo urbano existente entre pixadores e transeuntes, tendo como premissa a relação dialógica de autoria/audiência presente em cada um dos membros da díade, pixador(a) - transeunte.

A seguir apresento as teorias que subsidiam a compreensão deste diálogo urbano e servem como aporte epistemológico para talvez gerar novos olhares sobre um antigo fenômeno.

1.2 Vozes da cultura

A base epistemológica, que suporta a coleta e compreensão dos dados da pesquisa, está implicada com as correntes da Psicologia Histórico-Cultural, Sócio-Histórica, Cultural e Social Crítica. Embora apresentem nomes distintos, as diferenças entre a vertente Histórico-Cultural e Sócio-Histórica, são pouco claras do ponto de vista conceitual. Desta forma, assumo o termo sócio-histórico, cunhado por Vygotsky, como preponderante na construção discursiva desse texto, somando algumas considerações da Psicologia Cultural que Valsiner (2012) apresenta para subsidiar o entendimento do ser humano.

Acredito que o primeiro passo nessa exposição epistemológica é marcar a recusa pela neutralidade que sustenta os discursos correntes na área acadêmica, especialmente pelos pesquisadores da Psicologia. Kincheloe e McLaren (2010), ao recapitularem os passos da pesquisa em uma perspectiva crítica e as suas diversas vertentes, demonstram o quão significativos são para a pesquisa os significados subjacentes do pesquisador. Em outras palavras, cabe a este, o autor, se colocar para além da neutralidade aparente que cerca as pesquisas acadêmicas tradicionais e afrontar os dados recolhidos em campo com aqueles que já traz consigo e interferem na pesquisa desde a sua definição por realizá-la.

Além disso, outro elemento a ser considerado na elaboração de um problema de pesquisa é a dimensão de historicidade, que permeia todos os processos da vida humana. Nesse sentido, me somo ao pensamento de Gergen (2008), que postula uma Psicologia Social, sobretudo como um inquérito histórico, onde grande parte dos fenômenos estudados por ela são irrepetíveis e notadamente instáveis.

Assumindo o caráter histórico que Gergen assinala, é essencial que as características da cultura estejam presentes não somente como parte da contextualização do fenômeno estudado, mas sim em termos centrais da pesquisa. Valsiner (2012) destaca ainda que a cultura pode ser relacionada com as pessoas por três vias básicas de compreensão e cada uma destas resultará em maneiras diferentes de entender a díade pessoa-cultura. A primeira forma concebe a pessoa como pertencente à cultura, e atrás dessa premissa se esconde a similaridade de todas

aquelas pessoas que pertencem a determinada cultura. A segunda maneira de compreender expressa que à cultura pertence a pessoa, sendo as ferramentas culturais levadas para a subjetividade das pessoas e singularizadas, embora sejam culturalmente guiadas. Por fim, a terceira forma é perceber que a cultura pertence à relação da pessoa com o ambiente. Nesta última modalidade, a cultura figura nos diversos processos em que as pessoas se relacionam com os seus mundos, isto é, ao considerar a pessoa e o ambiente como entes separados cabe a cultura, através do processo de internalização e externalização, constituir mutuamente a pessoa e o mundo social (Valsiner, 2012, p. 23). A “Psicologia Transcultural” estaria vinculada a primeira forma, enquanto a Psicologia Cultural tem na base da sua compreensão o modelo que postula a cultura como mediadora entre a pessoa e o ambiente.

A abordagem sócio-histórica, adotada nesta pesquisa, corrobora com esta visão mediadora da cultura. Essa corrente do pensamento advém do materialismo histórico-dialético e se apresenta como proposta para criação de um conhecimento diferente do concebido nas visões empiristas e idealistas de ciência. A escola sócio-histórica, assim como o nome já indica, traz para ao embate teórico a concepção de sujeitos contextualizados historicamente, definidores e definidos pela cultura em que estão inseridos (Bock, 2007; Freitas, 2002).

A matriz sócio-histórica articula o conhecimento sobre os sujeitos no processo dialético entre as condições concretas que estão no plano das comunidades, como as questões socioeconômicas e políticas do local, com as práticas discursivas e outros planos que atravessam o cotidiano das pessoas e que figuram no nível das representações mediadas pelos signos. As condições concretas de vida e as práticas discursivas, ao estabelecerem essa relação dialética, constroem também uma rede de sustentações, contraposições e transformações entre si (Amorim & Rosseti-Ferreira, 2004).

Entre os autores que construíram esta perspectiva, se destaca o papel do psicólogo russo Lev S. Vygotsky. Ele se depara com aquilo que denominou como “crise da Psicologia” – denominada assim devido aos estudos da época abordarem predominantemente aspectos internos, a

mente ou comportamentos manifestos dos indivíduos de maneira sectária e sem diálogo com as profundas mudanças contextuais vividas na época (início do século XX). Vygotsky propõe um projeto de Psicologia que tem na dialética (de forte orientação marxista) dos aspectos internos e externos a construção de uma visão do indivíduo em sua totalidade. Em outro momento histórico, mas também insatisfeito com as derivações da pesquisa em sua área, Bakhtin vincula os estudos lingüísticos à contextualização histórica e elenca o dialogismo como ponto fundamental para compreender o sujeito como detentor de diversas vozes (Freitas, 2002). Essas diversas vozes se constituem de maneira independente no que tange à consciência e não se anulam ou misturam, isto é, o diálogo estabelecido entre essas consciências independentes e imiscíveis confere à polifonia bakhtiniana um caráter inconcluso, e por assim dizer potencialmente infinito (Bakhtin, 2002).

Estas contribuições de Vygostky e Bakhtin para o pensamento socio-histórico convergem para o uso da idéia de vozes adotadas como guia para esta pesquisa. Dessa forma, cabe destacar a concepção de fenômeno psicológico para a Psicologia Socio-Histórica. Este se caracteriza como não pertencente à “natureza humana”, não preexistente às pessoas e que por sua vez reflete as condições em que elas vivem, sejam elas de ordem social, econômica ou cultural (Bock, 2007). Sobretudo o fenômeno psicológico se traduz como a construção no nível do indivíduo daquilo que está no mundo simbólico que se constitui no social (Bock, 2007). Assim, o fenômeno psicológico é percebido como subjetividade criada na relação com o mundo material e social. A linguagem se apresenta como a ferramenta de mediação entre esses dois mundos e permite a internalização da objetividade que posteriormente será dotada de sentidos pessoais que constroem o ser subjetivo.

González Rey (2007), ao se referir sobre o significado da linguagem na Psicologia, argumenta que ela constantemente é atravessada pela tensão entre a subjetividade individual e a subjetividade social. Ressalta que o sujeito se expressa através da linguagem, a partir da posição concreta que ocupa e os contextos relacionais e ideológicos que o

inscrevem. Porém, a incorporação dessa subjetividade social estará sempre se construindo através da história do sujeito e revelada nas diferentes formas do seu pensamento.

Vygotsky (2001) postula que a linguagem não somente é a forma de expressão do pensamento, como, em última análise, é a ferramenta para a realização deste. Bakhtin (2010) refere-se a palavra como produto interindividual e desprovida de neutralidade. A palavra traz consigo as diversas vozes que a utilizaram em determinado período histórico. Tal afirmativa reflete que o autor, embora detentor dos direitos da palavra divide-a em sua constituição com os ouvintes e os outros que dela já fizeram uso. Nas palavras de Bakhtin:

toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente o produto da *interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros (Bakhtin, 2010, p.117, grifos do autor).

A relação interindividual e de multiplicidade de vozes que Bakhtin propõe, coloca a relação dialógica como fator inerente ao humano. Esse princípio habilita a leitura do individual e do social sem a necessidade da configuração de grupos no foco de análise, ao compreender que o indivíduo tem em si o outro (alteridade). Este outro que é constituinte da identidade, a palavra dotada de múltiplas vozes construídas ao longo do período histórico e o sentido que ela expressa em determinada situação revelam quais os significados que permeiam a comunicação entre pixadores e transeuntes.

Smolka (2004), outra autora que analisa as formulações teóricas da corrente sócio-histórica, cita que estas palavras repletas de história e de vozes criam imagens, cenas e narrativas permeadas por conceitos que formam discursos coletivamente partilhados e orientados. No meio das relações e das práticas existe a predominância de determinados signos e sentidos, os quais são considerados como “mais verdadeiros” ou “mais válidos” e visam à hegemonia da ideologia que lhes constitui. Esta

relação entre ideologia e palavra pode ser melhor compreendida na afirmativa: “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência”, na qual reside o postulado de que não importa o campo ideológico de que a premissa advém, pois esta necessariamente passará pela instância semiótica para existir e se relacionar com o social (Bakhtin, 2010, p. 36). Os sentidos que Smolka postula como atravessadores das práticas cotidianas podem ser compreendidos como o desenvolvimento das idéias de Vygotsky e Bakhtin, os quais separam os conceitos de significado e sentido. Para o psicólogo russo o sentido seria concernente aos diversos fenômenos psicológicos que a palavra desperta na consciência, apresentando várias “zonas de instabilidade” enquanto o significado responderia pelo que permanece constante mesmo com as mudanças de contexto (Vygotsky, 2001).

Para entender como tais processos operam nos indivíduos, a apropriação do conceito de Self dialógico (Hermans, Rijks & Kempen, 1993; Hermans 1999), faz-se pertinente, já que considera o *Self* como uma sociedade onde as diversas vozes interagem dentro do *eu* e que estão em relação o tempo inteiro com a alteridade. Entender o *eu*, é entender os locais que as narrativas partilhadas ocupam nessa interioridade e conseqüentemente na organização dos grupos onde esse *eu* incorpora-se ao nós, diferenciando-se dos outros. Assim, os espaços compartilhados são os espaços que a pichação ocupa, e elas só possuem voz na medida em que são colocadas em encontro com outra pessoa que também vai possuir discursos internos proferidos pelas vozes constituintes de seu próprio *eu*.

Os pressupostos teóricos que convergem para a compreensão da palavra como mediadora do pensamento humano e da relação entre os sujeitos, concebida nas teorias de Vygotsky e Bakhtin, fornece a base teórica para estudar o fenômeno da pichação. O entendimento da pichação como ato comunicacional, isto é, por compreender que o pixador ao se inscrever na cidade, propõe através desse processo uma relação de autoria e audiência, provocando assim um diálogo com aqueles que transitam pela urbe, possibilita que os aportes teóricos da teoria socio-histórica tornem-se niveladores da discussão deste tema.

A palavra, como produto interindividual, transmissor de ideologias, e que por fim estabelece a relação entre o *eu* e o *outro*, entre o indivíduo e o coletivo, fornece subsídios para entender como o autor (pixador), ao realizar o ato que assim lhe caracteriza, se relaciona com a audiência (transeunte). O inverso dessa relação também é possível ao se questionar a audiência (transeunte) quanto aos significados que nela despertam, devido ao pixo, e daqueles, que ela compreende que seriam os autores (outro). Nesta pesquisa, nos dois pólos que serão pesquisados, prevalece a noção desta relação entre o *eu* e o *outro*. Em outros termos, se busca compreender como os diferentes autores dialogam com a alteridade.

1.2 Estudos

Os dois capítulos que constam nesta dissertação buscaram abarcar a complexidade do fenômeno em questão. Para atingir tal objetivo foram necessárias aproximações que adentrassem, até onde fosse possível, no cotidiano das pessoas que pixam. Desta forma, a metodologia adotada se construiu também na tensão entre a pluralidade de formas de coletar dados (ferramentas metodológicas) e os circunscritores de acesso aos informantes. Assim, o primeiro estudo caracteriza-se por aproximações em uma perspectiva etnográfica, enquanto o segundo estudo centra-se na análise das entrevistas de seis pixadores.

A perspectiva etnográfica une elementos vivenciados, e compreendidos teoricamente ao longo dos últimos cinco anos. Embora a ênfase esteja localizada nos dados posteriores ao início do projeto de Narrativas Visuais, alguns são resquícios do projeto elaborado ainda na graduação. O conjunto desses diários de campo, percepções e diálogos informais com diferentes implicados montam o cenário polifônico no qual a pixação se apresenta na cidade. A tessitura de diversas vozes, que em alguns momentos se configuram uníssonas em sentido e em outros se dissociam, revela a cidade como suporte para uma série de apropriações. A individualização do processo de pixar e o desmonte dos coletivos, tal como existiam anteriormente, merece destaque na idiosincrasia que

formata parte da pixação que se realiza em Porto Alegre. As manobras que a sociedade utiliza para se blindar da pixação também se relaciona com a captura de parte dos pixadores pelo movimento do grafite, e o uso deste como meio de financiamento, os atritos que esse êxodo pode gerar intragupo dão novos contornos à relação entre pixação e grafite e suas respectivas institucionalizações.

Por sua vez, o segundo estudo aprofunda-se quanto as características comunicacionais constitutivas do pixar. Através de entrevistas com pixadores e população em geral se compreendeu quais as ideologias presentes nesse ato de comunicação, assim como as relações de alteridade que se tornam possíveis para ambos os grupos em questão, isto é, o deslocamento das posições identitárias de pixadores para transeuntes e vice-versa. Os dados demonstraram que o discurso da população é permeado por aquilo que está freqüentemente pautado na mídia, ou seja, a culpabilização e busca por dispositivos jurídico-punitivos para o controle da transgressão. A monologização desse discurso também engendra a relação de alteridade dos transeuntes da cidade para a posição dos pixadores. No entanto, constata-se que os pixadores transitam com maior facilidade pelas fronteiras identitárias, assumindo assim a posição de transeunte e dissertando sobre as ideologias presentes nesse espaço identitário.

Referências bibliográficas:

Amorim, K. S & Rosseti-Ferreira, M. C. (2004). A matriz sócio-histórica. In: Rossetti-Ferreira, M. C., Amorim, K. S., Silva, A.P.S. da & Carvalho, A.M.A. (Eds.). *Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano* (93-112). Porto Alegre: Artes Médicas.

Andreoli, G. S. & Maraschin, C. (2005). Linguajares urbanos. *Revista mal-estar e subjetividade*, 5 (1),92-108.

Bakhtin, M. (2002). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Bakhtin, M. (2010). *Marxismo e filosofia da linguagem* (14. ed.). São Paulo: Hucitec.

Bezerra, P. (2010). Polifonia. In Brait, B. (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. (4 ed.). São Paulo: Editora Contexto.

Becker, H. (2008). *Outsiders: estudos de sociologia do desvio* (1. ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Bock, A. M. B. (2007). A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: A. M. B. Bock, M. G. M. Gonçalves, & O. Furtado (Orgs.) *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia* (3 ed.) (15-35). São Paulo: Cortez.

Brasil, (1998). Lei n. 9.605, de 12 de Fevereiro de 1998. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Brasília, 1998. Recuperado em 14 de Julho, 2013, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9605.htm

Caldeira, T. P. (2012). Inscrição e circulação. Novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo. *Novos Estudos Cebrap*, 94, 31-67.

Clot, Y. (2010). Psicologia. In Brait, B. (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Editora Contexto.

Freitas, M. T. A. (2002). *Vygotsky & Bakhtin, Psicologia e Educação: um intertexto*. São Paulo: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Gergen, K. (2008). A Psicologia Social como História. *Psicologia & Sociedade*, 20 (3), 475-484.

Hermans, H.J.M. (1999). Dialogical Thinking and Self Innovation. *Culture & Psychology*, 67(5),

Hermans, H.J.M; Rijks, T.I; Kempen, H.J.G. (1993). Imaginal Dialogues in the self. *Journal of Personality*, 61(2),

Hermans, H. J. M. (2001). The dialogical self: Toward a theory of personal and cultural positioning. *Culture & Psychology*, 7(3), 243-282.

Kincheloe, J. & McLaren, P. (2006). Repensando a teoria crítica e a pesquisa qualitativa. In Denzin, N & Lincoln Y. (orgs) *O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed.

Lassala, G. (2010). *Pichação não é pixação: uma introdução à análise de expressões gráficas urbanas*. São Paulo: Altamira.

Martins, J. B. & Yabushita, I. J. (2006). Ruídos na cidade pichações na cidade de Londrina – aproximações... *Athenea Digital*, 9, 19-45. Disponível em <http://antalya.uab.es/athenea/num9/martins.pdf>

- Mondardo, L. M. & Goettert, D. J. (2008). Territórios simbólicos e de resistência na cidade: grafias da pichação e do grafite. *Terr@Plural*, 2 (2), 293-308.
- Pereira, A. B. (2010). As marcas da cidade: a dinâmica da pichação em São Paulo. *Lua Nova*, 79, 143-162.
- Ponzio, A. (2009). *A revolução bakhtiniana*. São Paulo: Editora Contexto.
- Rey, F. G. (2003). *Sujeito e subjetividade*. São Paulo: Thompson.
- Smolka, A. L. (2004). Sobre significação e sentido: uma contribuição à proposta da Rede de Significações. In: Rossetti-Ferreira, M. C., Amorin, K. S., Silva, A.P.S. da & Carvalho, A.M.A. (Eds.). *Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano* (35-50). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Spinelli, L. (2007). "Pichação e comunicação: um código sem regra. *Logos*, 26, 111-121.
- Stahl, J. (2009) *Street Art*. Lisboa: H.F. Ullman.
- Vygotsky, L. (2001). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Valsiner, J. (2012). *Fundamentos da Psicologia Cultural: Mundos da mente, Mundos da vida*. Porto Alegre: Artmed.
- Wacquant, L. (2001). *Os condenados da cidade: estudo sobre marginalidade avançada*. Rio de Janeiro: Revan/Fase.

2. Considerações finais

O diálogo urbano, embora muitas vezes ocorra em “tom velado”, está presente e continuamente constitui nosso campo de visão e nos faz pensar ou sentir, mas não nos deixa passar sem incluí-lo em nossas trajetórias.

Os resultados encontrados ao longo do período de investigação evidenciaram uma polifonia em diversas formas de manifestação na comunicação autores e audiências nas diferentes manifestações da pichação com as quais se entrou em contato. Ao percorrer as ruas de Porto Alegre e dialogar com os signos que a cidade dispõe foi possível perceber os movimentos de transformação e reorganização que, ao mesmo tempo em que a mantém viva, a mantém mutante, perdendo e ganhando elementos gráficos, estéticos e, acima de tudo, relacionais. Assim, como as pichações se proliferaram nas paredes e demais espaços da cidade se observou a expansão do *graffiti* como contra palavra (em uma acepção bakhtiniana), como reação na “mesma língua” de determinada parcela da população.

O Estado, obviamente enquanto legitimador das formas de relação social, ao montar estratégias de combate ao pixo acirra a hostilidade entre grupos que anteriormente tinham melhor diálogo devido à origens compartilhadas. A cooptação de parte dos grafiteiros para realizarem sua atividade não mais como intervenção transgressiva, mas sim como trabalho remunerado – especialmente vinculado à chamada “educação estética” - com vistas a erradicar a pichação de determinados espaços gera conflitos que desagrega aqueles em que muito se assemelham.

A experiência etnográfica trouxe dados contextualizados que dificilmente seriam possíveis de levantar em uma entrevista marcada em outro local, à parte das festas de lançamento dos DVDs, e alguns pontos da relação *nós* e *eles* ficariam mais acirradas. As relações de reconhecimento, o chamado “*ibope*”, se tornou visível na interação entre os diversos pichadores que se encontravam presentes. Uma ilustração dessa relação é evidenciada pelo papel da troca de folhinhas com as *tags* de cada pichador, e a procura exacerbada de manter consigo a assinatura daqueles que são referência no movimento. Essa situação auxiliou na compreensão dos motivos e valores que estão associados ao risco que parte desses jovens se submete, além de

evidenciar uma forma de materialização, de documentação, de registro, de criação de uma memória material de uma escritura, uma produção cultural fadada à efemeridade e à marginalidade.

Outro aspecto à destacar é o processo de individualização da pixação, que pode ser considerado um fenômeno recente na prática exercida em Porto Alegre. Os motivos que levaram a ocorrência deste processo ainda carecem de maiores explicações, porém a própria busca por ascendência e destaque político dentro dos grupos pode ser utilizada como hipótese inicial para tal modificação.

O artigo “Eu e o outro na cidade: relações de autoria e audiência na pichação”, focalizado na relação de autoria e audiência, nas posições do *eu*, demonstrou a dificuldade da população geral em transitar entre o espaço do *outro*. O discurso monológico, carregado de valores de proteção à propriedade e de noções dicotômicas como “bom” e “mau”, “certo” e “errado”, limitaram a sua possibilidade de transpor as fronteiras para além do *eu*, na busca de um entendimento mais dialógico desse fenômeno cultural. Embora esse discurso monológico trouxesse consigo várias vozes que povoavam um cenário polifônico nos entrevistados da população geral, era evidente que a base ideológica, valorativa do discurso estava sedimentada em premissas consolidadas pelo discurso midiático.

As “respostas” dos pichadores apesar de também apresentarem características dicotômicas que tenderiam à certa monologização discursiva, como “sociedade boa e sociedade ruim”, em alguns casos conseguiram sobrepor às barreiras concebidas com seus valores e ideologias e assim se posicionarem como o *outro* como, por exemplo, em momentos em que se colocavam como as pessoas que vivem nos estabelecimentos pixados.

O paralelo entre os dois discursos, e de somente os pichadores conseguirem estabelecer certo ensaio de relação de alteridade, pode ser compreendido por seu ingresso em um contradiscurso social (como é o caso dos pichadores). Este ingresso, partindo de uma leitura do já “familiarizado”os torna mais aptos a compreender o discurso dominante (transeuntes), mesmo que com ideologias teoricamente divergentes. Essa premissa assinala que o reconhecimento do discurso dominante para determinada parcela da população foi necessário para que os pichadores exercessem os seus atos e

assim dispusesse da *contrapalavra* a essa “sociedade”. Porém essa sociedade não legitima o conteúdo, nem ideológico, nem estético e nem político da palavra inscrita na pichação e, assim termina por monologizar o seu discurso frente à mesma.

A busca pela compreensão desses diálogos urbanos se fundamenta na perspectiva também de encontrar melhores relações de convívio, de relação na e com a cidade. A percepção da cidade como espaço potente para o encontro (com o outro), para o exercício da alteridade, também a caracteriza como um espaço para entrar em contato consigo mesmo. O conceito que Bauman (2003) desenvolve sobre nossa idealização atual sobre uma comunidade utópica nas cidades, auxilia a pensar sobre o contato nas cidades contemporâneas. Segundo o referido autor, nestas comunidades as relações estabelecidas entre os seus pertencentes provocariam ao mesmo tempo a sensação de proteção e a de perda da liberdade devido ao subjugamento frente à coletividade. Na continuidade dos seus argumentos, Bauman ainda questiona quais os caminhos seguir em um tempo, marcado pela individualidade. Ainda que não haja uma única resposta, me valho da definição de outras autoras que, acredito, que com sua definição possibilitaram que eu pudesse tentar demonstrar como os caminhos dessa dissertação e de pensar outra cidade se cruzam: “Posso falar na comunidade como um não-lugar, uma utopia, mas posso usá-la como modo de falar de um lugar no qual pessoas convivem e contatam com a alteridade.” (Scarparo & Guareschi, 2007, p. 103).

O processo de construção dessa dissertação foi permeado pela busca da alteridade. Embora os dados visualizados ao longo da pesquisa não corroborem com tal expectativa, a continuidade nesta procura serve de ponto de partida para novos projetos dentro daquilo que acredito ser a Psicologia.

3. ANEXO A

Roteiro da entrevista com a População e Proprietários de estabelecimentos / casa do estudo nº 3 - Pixo: expressão, apropriação e contestação do espaço público/privado.

- a) O que essa obra representa pra ti?
- b) Tu acreditas que era isso que o artista gostaria de passar com essa obra?
- c) O que tu gostarias de dizer para a pessoa que fez isso se pudesse falar com ela pessoalmente?
- d) Se tu tivesses a oportunidade de fazer uma obra como esta, como ela seria?
- e) Se fosse um funcionário da prefeitura com o poder de decisão se essa obra viria ou não para a rua, você aprovaria? Justifique sua resposta.
- f) Que argumentos uma pessoa teria para não aprovar a instalação dessa obra, levando em conta conteúdo, materiais, local onde ela está inserida?

ANEXO B



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

OF.CEP-664/11

Porto Alegre, 19 de abril de 2011.

Senhor Pesquisador,

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa registro CEP 11/05376 intitulado **"Análise dialógica de narrativas visuais no espaço urbano de Porto Alegre"**.

Salientamos que seu estudo pode ser iniciado a partir desta data.

Os relatórios parciais e final deverão ser encaminhados a este CEP.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Rodolfo Herberto Schneider
Coordenador do CEP-PUCRS

Ilmo. Sr.
Prof. Adolfo Pizzinato
FAPSI
Nesta Universidade

PUCRS**Campus Central**

Av. Ipiranga, 6690 - 3º andar - CEP: 90610-000

Sala 314 - Fone Fax: (51) 3320-3345

E-mail: cep@pucrs.brwww.pucrs.br/prppg/cep